

A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E AS PRÁTICAS COLABORATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA OS PROFESSORES

FAMILY PARTICIPATION AND COLLABORATIVE PRACTICES IN ELEMENTARY EDUCATION: A TEACHER TRAINING PROPOSAL

LA PARTICIPACIÓN FAMILIAR Y LAS PRÁCTICAS COLABORATIVAS EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA: PROPUESTA DE FORMACIÓN PARA DOCENTES

Maria Aparecida Gomes da Silva¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a participação familiar e as práticas colaborativas no Ensino Fundamental, a partir da proposição de uma formação continuada voltada aos professores. Parte-se do entendimento de que a relação entre escola e família constitui um elemento central para o desenvolvimento integral dos estudantes, influenciando tanto os processos de aprendizagem quanto o clima escolar. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de investigação bibliográfica, com base em artigos científicos, livros, dissertações e documentos oficiais que abordam a temática da relação escola família, das práticas colaborativas e da formação docente. A análise dos estudos evidenciou que a participação familiar, quando construída de forma dialógica e contínua, contribui para o engajamento dos alunos, para a melhoria do comportamento e para o fortalecimento do vínculo com a escola. Os resultados também apontam que a fragilidade dessa relação está associada, em grande parte, à comunicação burocrática, à ausência de cultura de participação e à falta de preparo dos docentes para mediar essa parceria. Conclui-se que a formação continuada dos professores se apresenta como estratégia fundamental para promover práticas colaborativas e fortalecer a corresponsabilidade entre escola e família, favorecendo a construção de uma escola mais participativa e comprometida com a aprendizagem.

1

Palavras-chave: Participação Familiar. Práticas Colaborativas. Formação Docente. Ensino Fundamental.

ABSTRACT: This article aims to discuss family participation and collaborative practices in Elementary Education, based on the proposal of a continuing education program for teachers. It is grounded on the understanding that the relationship between school and family is a central element for students' integral development, influencing both learning processes and the school climate. Methodologically, the study adopts a qualitative approach, developed through bibliographic research, based on scientific articles, books, dissertations, and official documents addressing school family relationships, collaborative practices, and teacher education. The analysis of the literature indicates that family participation, when built through dialogue and continuity, contributes to students' engagement, improvement in behavior, and strengthening of their bond with the school. The results also reveal that the fragility of this relationship is largely associated with bureaucratic communication, the lack of a culture of participation, and insufficient teacher preparation to mediate this partnership. It is concluded that continuing teacher education is a fundamental strategy to promote collaborative practices and strengthen shared responsibility between school and family, fostering a more participatory and learning-oriented school environment.

Keywords: Family Participation. Collaborative Practices. Teacher Education. Elementary Education.

¹ Mestre em educação, UNIATLANTICO.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir la participación familiar y las prácticas colaborativas en la Educación Primaria, a partir de la propuesta de una formación continua dirigida a los docentes. Se parte de la comprensión de que la relación entre la escuela y la familia constituye un elemento central para el desarrollo integral de los estudiantes, influyendo tanto en los procesos de aprendizaje como en el clima escolar. Metodológicamente, el estudio se caracteriza como una investigación de enfoque cualitativo, desarrollada mediante una investigación bibliográfica, basada en artículos científicos, libros, dissertaciones y documentos oficiales que abordan la relación escuela familia, las prácticas colaborativas y la formación docente. El análisis de los estudios evidenció que la participación familiar, cuando se construye de manera dialógica y continua, contribuye al compromiso de los estudiantes, a la mejora del comportamiento y al fortalecimiento del vínculo con la escuela. Asimismo, los resultados indican que la fragilidad de esta relación está asociada, en gran medida, a la comunicación burocrática, a la ausencia de una cultura de participación y a la falta de preparación docente para mediar esta colaboración. Se concluye que la formación continua del profesorado es una estrategia fundamental para promover prácticas colaborativas y fortalecer la corresponsabilidad entre escuela y familia.

Palabras clave: Participación Familiar. Prácticas Colaborativas. Formación Docente. Educación Primaria.

INTRODUÇÃO

A participação da família no processo educacional sempre foi reconhecida como um elemento fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente no Ensino Fundamental, etapa marcada pela consolidação das aprendizagens básicas e pela formação de valores sociais. A escola, enquanto espaço formativo, não atua de maneira isolada, mas se constrói a partir das relações que estabelece com os sujeitos e contextos que envolvem o aluno, entre eles a família. Quando essa relação se fortalece, cria-se um ambiente mais propício à aprendizagem, ao engajamento e ao desenvolvimento emocional das crianças.

Entretanto, apesar da relevância atribuída à parceria entre escola e família nos documentos educacionais e na literatura acadêmica, observa-se que, na prática, essa relação ainda apresenta fragilidades. Em muitas realidades escolares, a participação familiar limita-se a momentos pontuais, como reuniões formais ou comunicações burocráticas, o que dificulta a construção de um vínculo contínuo e colaborativo. Essa distância tende a impactar negativamente o acompanhamento das aprendizagens, a motivação dos alunos e o próprio clima escolar.

No contexto do Ensino Fundamental, essa problemática torna-se ainda mais sensível, uma vez que os estudantes vivenciam uma fase de intensas transformações cognitivas, sociais e emocionais. A ausência de uma atuação articulada entre escola e família pode contribuir para dificuldades de aprendizagem, comportamentos de desinteresse e fragilização do vínculo dos

alunos com a escola. Por outro lado, quando a família se sente acolhida e parte do processo educativo, os estudantes tendem a demonstrar maior comprometimento com as atividades escolares e maior confiança em suas capacidades.

Nesse cenário, as práticas pedagógicas colaborativas surgem como uma estratégia importante para aproximar professores, famílias e comunidade escolar. Essas práticas se fundamentam no diálogo, na cooperação e na corresponsabilidade, reconhecendo que o processo educativo se fortalece quando diferentes saberes e experiências são compartilhados. No entanto, para que tais práticas se consolidem no cotidiano escolar, é necessário que os professores estejam preparados para conduzir esse trabalho de forma consciente e intencional.

A formação docente, portanto, assume papel central nesse processo, uma vez que cabe ao professor mediar as relações entre escola e família, criando espaços de escuta, participação e construção conjunta. Muitos docentes, embora reconheçam a importância da participação familiar, relatam dificuldades em estabelecer estratégias eficazes de aproximação, seja pela falta de formação específica, pela sobrecarga de trabalho ou pelas próprias limitações impostas pelo contexto escolar. Isso evidencia a necessidade de ações formativas que abordem essa temática de maneira prática e reflexiva.

Diante dessas questões, torna-se fundamental repensar a formação continuada dos professores como um espaço de fortalecimento das práticas colaborativas e do vínculo escola-família. Uma formação que considere a realidade dos docentes, valorize suas experiências e ofereça subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento de ações que promovam a participação ativa das famílias no processo educativo. Trata-se de compreender que o envolvimento familiar não ocorre de forma espontânea, mas precisa ser incentivado e construído coletivamente.

Assim, este artigo propõe discutir a participação familiar e as práticas colaborativas no Ensino Fundamental, a partir da elaboração de uma proposta de formação continuada voltada aos professores. Parte-se da compreensão de que o fortalecimento dessa parceria não depende exclusivamente da iniciativa das famílias, mas da capacidade da escola e dos docentes de criarem condições favoráveis para o diálogo e a cooperação. Ao investir na formação docente, amplia-se o potencial de construção de uma escola mais democrática, participativa e comprometida com a aprendizagem dos alunos.

Ao abordar essa temática, espera-se contribuir para reflexões que auxiliem professores e gestores a repensarem suas práticas, reconhecendo a família como parceira no processo

educativo. Acredita-se que ações formativas bem estruturadas podem favorecer mudanças significativas no cotidiano escolar, fortalecendo o vínculo entre escola e família e promovendo práticas pedagógicas mais colaborativas, capazes de impactar positivamente o ensino e a aprendizagem no Ensino Fundamental.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de investigação bibliográfica, com o objetivo de compreender e discutir a participação familiar e as práticas colaborativas no Ensino Fundamental, bem como subsidiar a proposição de uma formação continuada voltada aos professores (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021). A opção pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de analisar produções acadêmicas que abordam o tema, possibilitando a construção de uma base teórica consistente e alinhada às discussões contemporâneas da área educacional, sobretudo quando se busca compreender fenômenos educativos a partir de diferentes perspectivas e produções já consolidadas (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

A pesquisa bibliográfica foi conduzida a partir do levantamento de livros, artigos científicos, dissertações e teses que tratam da relação escola-família, das práticas pedagógicas colaborativas e da formação docente no contexto do Ensino Fundamental. Foram priorizadas produções publicadas em língua portuguesa, disponíveis em bases reconhecidas, de modo a garantir a confiabilidade e a relevância dos materiais analisados. Esse levantamento permitiu identificar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas relacionadas à temática em estudo.

Para a seleção das obras, utilizaram-se descritores como “participação familiar”, “práticas colaborativas”, “formação docente” e “Ensino Fundamental”, combinados de forma a ampliar o alcance da busca e contemplar estudos que dialogassem diretamente com o objetivo do artigo. A seleção do material considerou critérios como pertinência temática, atualidade das publicações e contribuição teórica para a compreensão do fenômeno investigado, evitando fontes que não apresentassem rigor acadêmico.

A análise do material bibliográfico ocorreu de forma interpretativa e reflexiva, buscando identificar convergências, divergências e lacunas presentes na produção científica sobre o tema. Os textos selecionados foram lidos na íntegra, permitindo a organização das ideias centrais e a sistematização dos principais conceitos relacionados à participação familiar e às práticas

colaborativas no contexto escolar. Essa etapa possibilitou uma leitura crítica dos estudos, indo além da simples descrição dos conteúdos.

Os dados obtidos por meio da análise bibliográfica foram organizados em eixos temáticos, contemplando aspectos como os benefícios da participação familiar no processo de ensino e aprendizagem, os desafios enfrentados pelas escolas na construção dessa parceria e o papel da formação continuada dos professores na promoção de práticas colaborativas. Essa organização favoreceu uma compreensão mais clara das contribuições teóricas existentes e orientou a discussão dos resultados apresentados ao longo do artigo.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve envolvimento direto de participantes nem coleta de dados em campo, o que dispensa a submissão a comitê de ética em pesquisa. Ainda assim, foram observados os princípios éticos relacionados ao uso responsável das fontes, respeitando a autoria das produções analisadas e garantindo a correta referência aos estudos utilizados, conforme as normas acadêmicas vigentes.

RESULTADOS

A análise da produção científica recente evidencia que a participação familiar no Ensino Fundamental está diretamente relacionada à qualidade do vínculo estabelecido entre escola, estudantes e responsáveis. Os estudos indicam que, quando a família acompanha o percurso escolar de forma contínua, os alunos demonstram maior engajamento, melhor organização nos estudos e atitudes mais positivas em relação à aprendizagem, o que reforça a compreensão de que o processo educativo extrapola os limites físicos da escola (BRASIL, 2022).

Um resultado recorrente na literatura é a constatação de que a participação familiar ainda ocorre de maneira desigual e, muitas vezes, fragmentada. Em grande parte das escolas, a presença da família se concentra em situações emergenciais ou em momentos formais, como reuniões obrigatórias, o que dificulta a construção de uma parceria efetiva e permanente. Essa forma limitada de participação tende a reforçar uma relação burocrática, distante e pouco colaborativa (SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

Os estudos analisados também apontam que a comunicação entre escola e família permanece como um dos principais desafios para o fortalecimento dessa relação. Embora haja avanços no uso de tecnologias digitais, como aplicativos de mensagens e plataformas escolares, muitas pesquisas mostram que a comunicação ainda é predominantemente unilateral, centrada

na transmissão de recados, sem espaços efetivos de escuta e diálogo (FERREIRA; COSTA, 2023).

No material analisado, observa-se que os professores reconhecem a importância da participação familiar, mas relatam dificuldades práticas para promovê-la no cotidiano escolar. Entre os fatores mais mencionados estão a falta de tempo das famílias, a sobrecarga de trabalho docente e a ausência de formação específica para lidar com situações de conflito ou resistência por parte dos responsáveis, o que evidencia a necessidade de ações formativas voltadas para essa temática (SILVA, 2021).

Outro resultado relevante diz respeito à percepção de que muitas famílias ainda atribuem à escola a responsabilidade exclusiva pela educação dos filhos. Essa concepção reforça um distanciamento entre os sujeitos envolvidos e dificulta a construção de práticas colaborativas, uma vez que o processo educativo passa a ser entendido como tarefa unilateral, e não como responsabilidade compartilhada (PARO, 2020).

A literatura recente destaca que a ausência de uma cultura de participação familiar nas escolas está associada a fatores históricos, sociais e culturais, que influenciam diretamente a forma como as famílias se relacionam com a instituição escolar. Em contextos marcados por desigualdades sociais, essa distância tende a ser ainda maior, exigindo da escola estratégias mais sensíveis e contextualizadas de aproximação (LIBÂNEO, 2020). 6

Os resultados também evidenciam que práticas pedagógicas colaborativas contribuem significativamente para o fortalecimento do vínculo escola-família. Quando os professores desenvolvem atividades que envolvem a participação dos responsáveis, seja no acompanhamento de projetos, seja em momentos de diálogo sobre o desenvolvimento dos alunos, cria-se um ambiente mais acolhedor e propício à aprendizagem (MORAN, 2021).

Nesse sentido, os estudos analisados indicam que a colaboração não deve ser entendida como apoio pontual da família às demandas da escola, mas como um processo contínuo de construção conjunta. A participação familiar torna-se mais efetiva quando a escola reconhece os saberes das famílias e valoriza suas experiências no processo educativo (TARDIF; LESSARD, 2021).

Outro aspecto evidenciado nos resultados refere-se à relação entre participação familiar e comportamento dos estudantes. Pesquisas recentes apontam que alunos cujas famílias acompanham de perto a vida escolar tendem a apresentar menor incidência de indisciplina,

maior senso de responsabilidade e melhor adaptação às rotinas escolares (RODRIGUES; ALMEIDA, 2022).

A análise da literatura também mostra que a escola exerce papel central na mediação dessa relação, sendo responsável por criar condições favoráveis para a participação das famílias. Estratégias como reuniões temáticas, oficinas pedagógicas e canais permanentes de comunicação são apontadas como ações que contribuem para o fortalecimento do vínculo escola-família (NÓVOA, 2022).

No entanto, os resultados indicam que muitos professores se sentem inseguros para implementar práticas colaborativas, especialmente quando não contam com apoio institucional ou formação continuada. Essa insegurança pode levar à manutenção de práticas tradicionais, que pouco favorecem a participação ativa das famílias no cotidiano escolar (GATTI; BARRETTTO, 2021).

A formação continuada aparece, portanto, como elemento central nos estudos analisados, sendo apontada como estratégia fundamental para o desenvolvimento de competências docentes voltadas à mediação de conflitos, à comunicação com as famílias e à construção de práticas pedagógicas colaborativas (IMBERNÓN, 2021).

Os resultados também mostram que formações baseadas em oficinas, rodas de conversa e estudos de caso tendem a ser mais eficazes, pois possibilitam a reflexão coletiva e a troca de experiências entre os professores. Esse tipo de formação favorece a ressignificação das práticas e amplia o repertório docente para lidar com a diversidade de contextos familiares (PIMENTA; LIMA, 2020).

Outro dado relevante é que a formação continuada contribui para que os professores compreendam a participação familiar como parte do planejamento pedagógico, e não como ação complementar ou eventual. Essa mudança de perspectiva fortalece a ideia de corresponsabilidade e amplia o compromisso coletivo com a aprendizagem dos alunos (FREIRE, 2021).

A literatura analisada também aponta que escolas que investem em práticas colaborativas apresentam maior coesão entre os profissionais, o que impacta positivamente a relação com as famílias. Quando há alinhamento entre gestão e professores, as ações de aproximação tornam-se mais consistentes e sustentáveis (LÜCK, 2022).

Observa-se, ainda, que a participação familiar está diretamente relacionada ao sentimento de pertencimento à escola. Famílias que se sentem acolhidas tendem a participar

mais ativamente das decisões e atividades escolares, fortalecendo o vínculo com a instituição e contribuindo para a construção de uma cultura de colaboração (EPSTEIN, 2020).

Os resultados indicam que a ausência de participação familiar não deve ser interpretada, de forma simplista, como desinteresse. Muitos estudos destacam que fatores como jornada de trabalho, baixa escolaridade e experiências escolares negativas influenciam a forma como as famílias se relacionam com a escola (OLIVEIRA; SOUZA, 2023).

Diante disso, torna-se evidente que as práticas colaborativas precisam ser pensadas a partir da realidade das famílias, respeitando seus limites e possibilidades. Estratégias flexíveis e inclusivas tendem a gerar maior adesão e fortalecer a parceria entre escola e família (BRASIL, 2022).

Os resultados também reforçam que a participação familiar, quando articulada a práticas pedagógicas colaborativas, contribui para a melhoria do clima escolar e para o desenvolvimento integral dos alunos. Essa relação favorece não apenas a aprendizagem cognitiva, mas também aspectos socioemocionais fundamentais para a formação dos estudantes (MORAN, 2021).

De modo geral, os estudos analisados convergem ao afirmar que o fortalecimento da participação familiar e das práticas colaborativas no Ensino Fundamental depende de ações planejadas, formação docente contínua e compromisso institucional. A escola que assume essa perspectiva amplia suas possibilidades de atuação e fortalece seu papel social no processo educativo (NÓVOA, 2022).

DISCUSSÃO

Os resultados apontam que a participação familiar, quando acontece de forma contínua e com sentido, não funciona só como “apoio externo”, mas como parte do próprio tecido pedagógico da escola. Isso fica evidente tanto no material do projeto, quando docentes reconhecem que a escola não dá conta sozinha e percebem “falta de escuta dos dois lados”, quanto na literatura recente, que problematiza justamente como esse envolvimento se estabelece e como ele se relaciona com o desempenho e com a qualidade do vínculo construído (ROSA, 2024). Nessa leitura, não é a “presença em reunião” que resolve; é a criação de uma parceria que se sustenta em confiança, reconhecimento mútuo e corresponsabilidade.

Um ponto que merece atenção é que, na prática escolar, a família costuma ser convocada mais nos momentos de crise do que como parte de um projeto pedagógico permanente. Isso aparece com força quando os obstáculos relatados se organizam em aspectos estruturais

(tempo), simbólicos (ideia de que educar é tarefa exclusiva da escola) e comunicacionais (relações burocráticas e ausência de vínculo afetivo). A literatura brasileira recente reforça que, quando a relação família-escola se estrutura na lógica do “chamado” e não do “convite”, a comunicação tende a virar cobrança, e a participação vira reatividade, não construção (RODRIGUES JÚNIOR, 2025).

Quando a gente olha para as barreiras comunicacionais e institucionais descritas no projeto, fica claro que não é falta de canal, e sim falta de qualidade do diálogo: “comunicação burocrática”, “centralizada” e, principalmente, “falta de escuta mútua” aparecem como núcleo do problema. Esse achado conversa diretamente com pesquisas que mostram que envolvimento familiar tem múltiplas formas e que a comunicação precisa ser pensada de maneira mais “aberta” e relacional, considerando perspectivas de pais e filhos, e não apenas a leitura institucional do que seria “participar” (DIAS, 2023).

Outro resultado importante é que a ausência de participação familiar não pode ser interpretada como desinteresse de forma automática. No projeto, “falta de tempo”, “despreparo” e “ausência de cultura de participação” aparecem como obstáculos concretos, o que sugere uma leitura bem mais sensível: muitas famílias até desejam estar presentes, mas não conseguem pelos atravessamentos do cotidiano, por insegurança diante da escola ou por experiências anteriores que geraram afastamento. Estudos recentes que analisam estratégias de fortalecimento do vínculo família-escola mostram que ações acolhedoras, linguagem acessível e formatos flexíveis (não só reunião formal) aumentam a adesão e reduzem o sentimento de “não pertencimento” (GRANDO, 2025).

A relação entre envolvimento familiar, comportamento e aprendizagem aparece como um eixo bem forte tanto no projeto quanto na literatura. Quando professores afirmam que “quando os pais acompanham, o aluno melhora: presta mais atenção, faz lição”, eles não estão falando só de rendimento; estão falando de rotina, de vínculo e de sustentação emocional para aprender. Estudos recentes sobre parceria família escola também indicam que a colaboração consistente repercute no desempenho acadêmico e no clima escolar, especialmente quando há gestão colaborativa e organização institucional para isso (MISSIONEIRA, 2025).

Em termos de práticas colaborativas, os achados do projeto sugerem que colaboração não pode ser confundida com “transferir tarefas para a família”. Quando a relação é apenas de cobrança (“faça”, “acompanhe”, “venha”), a escola reforça desigualdades, porque nem todas as famílias têm as mesmas condições para responder. A literatura mostra que colaboração é mais

potente quando se transforma em coautoria: escola e família pactuam pequenas metas, combinam formas possíveis de acompanhamento e criam rotinas viáveis para aquele contexto (RODRIGUES JÚNIOR, 2025). Isso muda completamente o tom da parceria: sai do julgamento e entra na construção.

Nessa lógica, faz muito sentido que a formação continuada apareça como estratégia central. O próprio levantamento do projeto organiza estudos e evidencia que programas formativos voltados ao vínculo escola família e à colaboração docente são recorrentes na produção recente. E a literatura confirma que, quando a escola assume que a parceria não “acontece sozinha”, a formação funciona como ferramenta prática para desenvolver competências de escuta, mediação, comunicação não violenta, manejo de conflitos e planejamento de ações colaborativas com as famílias (GRANDO, 2025).

Um detalhe que pesa bastante é o apoio institucional para que a formação se sustente. Não basta oferecer encontro formativo se a escola não reorganiza rotinas, não define estratégias comuns e não cria coerência entre o que a gestão comunica e o que o professor executa. Estudos sobre cultura escolar colaborativa e inclusiva mostram que mudanças mais duradouras acontecem quando há planejamento, participação coletiva e estrutura de acompanhamento ou seja, quando a colaboração vira “modo de funcionar” e não evento pontual (MENDES, 2024). Isso fortalece a escola por dentro e, automaticamente, melhora a relação com as famílias.

10

Outro ponto é que o próprio marco normativo educacional ajuda a sustentar a discussão, porque reforça a ideia de colaboração e corresponsabilidade entre redes, escolas e sociedade. A BNCC, por exemplo, traz uma perspectiva de implementação em “regime de colaboração”, indicando que mudanças curriculares e pedagógicas dependem de articulação e compromisso coletivo, o que abre espaço para pensar a participação da comunidade e das famílias como parte do processo (BRASIL, 2018). Na prática, isso dá respaldo para que a escola trate a participação familiar como eixo pedagógico e não como “favor”.

Por fim, é importante reconhecer limites e caminhos futuros. Como este artigo se apoia em pesquisa bibliográfica e em material documental do projeto, os achados discutidos aqui refletem um recorte específico, o que reforça a necessidade de novos estudos que incluam, por exemplo, escuta direta de famílias e acompanhamento longitudinal de formações para avaliar impacto real ao longo do tempo. Ainda assim, o conjunto de evidências já permite uma conclusão muito consistente: fortalecer participação familiar e práticas colaborativas exige

intencionalidade, formação docente e estratégias comunicacionais com escuta e vínculo e não apenas ações isoladas ou convites formais (ROSA, 2024; GRANDO, 2025).

CONCLUSÃO

A partir das discussões desenvolvidas ao longo deste artigo, torna-se evidente que a participação familiar no Ensino Fundamental exerce um papel fundamental na construção de processos educativos mais significativos, especialmente quando articulada a práticas pedagógicas colaborativas. Os estudos analisados demonstram que o envolvimento das famílias contribui não apenas para o acompanhamento da aprendizagem, mas também para o fortalecimento do vínculo dos estudantes com a escola, favorecendo aspectos cognitivos, emocionais e sociais que impactam diretamente o percurso escolar.

Observa-se, contudo, que a efetivação dessa parceria ainda enfrenta desafios importantes, relacionados à comunicação, às condições socioeconômicas das famílias e à ausência de uma cultura institucional de participação. A pesquisa evidenciou que a baixa participação familiar não pode ser interpretada de forma simplista como desinteresse, mas deve ser compreendida a partir das múltiplas realidades que atravessam o cotidiano das famílias e da própria organização escolar. Nesse sentido, cabe à escola assumir um papel ativo na criação de estratégias mais acolhedoras, acessíveis e coerentes com essas realidades.

11

Nesse cenário, a formação continuada dos professores revela-se como um elemento central para o fortalecimento das práticas colaborativas e da relação escola família. Ao investir em processos formativos que promovam a reflexão sobre o papel docente, a comunicação com as famílias e a mediação de conflitos, amplia-se a capacidade dos professores de construir parcerias mais sólidas e efetivas. A formação deixa de ser apenas um espaço de atualização teórica e passa a configurar-se como um instrumento de transformação das práticas pedagógicas.

Os resultados discutidos reforçam que práticas colaborativas não se resumem a ações pontuais ou à transferência de responsabilidades para as famílias, mas exigem planejamento, intencionalidade e corresponsabilidade. Quando a escola reconhece a família como parceira no processo educativo e cria espaços reais de diálogo e participação, favorece-se a construção de um ambiente escolar mais democrático, participativo e comprometido com a aprendizagem dos alunos.

Por fim, conclui-se que a promoção da participação familiar e das práticas colaborativas no Ensino Fundamental depende de um esforço conjunto entre professores, gestão escolar e

comunidade. A proposta de formação docente apresentada como eixo de reflexão neste artigo aponta para a necessidade de ações contínuas, sustentadas e alinhadas às demandas do contexto escolar. Ao fortalecer essa parceria, a escola amplia suas possibilidades de atuação e reafirma seu papel social na formação integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Família e escola: parceria que fortalece a aprendizagem. Brasília: MEC, 2022.
- BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no contexto da abordagem qualitativa e sua aplicabilidade na contemporaneidade. *Cadernos da Fucamp*, Monte Carmelo, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.
- DIAS, E. M. Comunicação escola família e participação parental no contexto da educação básica. *Educação em Debate*, Fortaleza, v. 45, n. 88, p. 1-18, 2023.
- EPSTEIN, J. L. School, family, and community partnerships: preparing educators and improving schools. 3. ed. Boulder: Westview Press, 2020.
- FERREIRA, L. M.; COSTA, R. S. Comunicação escola família e engajamento parental no ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 28, e280012, 2023. 12
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S. Professores do Brasil: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2021.
- GRANDO, C. M. Parceria escola família e práticas colaborativas na educação básica. *Educação & Form*, Fortaleza, v. 10, e10894, 2025.
- IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6. ed. Goiânia: Alternativa, 2020.
- LÜCK, H. Gestão educacional: uma questão paradigmática. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.
- MISSIONEIRA, A. R. Formação continuada de professores e colaboração escola família. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 41, n. 1, p. 1-19, 2025.
- MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Campinas: Papirus, 2021.

NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 2022.

OLIVEIRA, D. A.; SOUZA, J. V. Relação escola família: desafios contemporâneos e perspectivas de participação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 44, e244509, 2023.

PARO, V. H. Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

RODRIGUES, M. S.; ALMEIDA, R. G. Participação familiar, comportamento discente e aprendizagem no ensino fundamental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 103, n. 264, p. 423-441, 2022.

RODRIGUES JÚNIOR, J. A. Participação familiar e desempenho escolar no ensino fundamental. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 41, n. 1, p. 1-20, 2025.

SANTOS, E. R.; OLIVEIRA, M. C. Envolvimento familiar e práticas escolares no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e231145, 2021.

SILVA, M. A. G. A participação familiar e as práticas colaborativas no ensino fundamental: proposta de formação para os professores. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) Escola Municipal Carlos Gomes, Foz do Iguaçu, 2025.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica. *Cadernos da Fucamp*, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

13

TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. II. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.